

Maria de Xangô morre aos 118 anos

Em ritual simples, ao som de cantigas de azerim, entoadas por dezenas de pais, filhos e filhas-de-santo de diversos terreiros de Candomblé da Bahia, foi sepultada ontem, às 17 horas, na Quadra São Lucas, sepultura 149, do Cemitério Quinta dos Lázaros, Maria de Xangô, a mais antiga ialorixá do Brasil. Nascida Maria Alta da Conceição em 8 de dezembro de 1878, dia de Nossa Senhora da Conceição, Maria de Xangô faleceu aos 118 anos, em sua residência, de senilidade, conforme informou uma de suas filhas-de-santo, Maria José Nascimento, Mãe Zezé. Sua morte aconteceu a 1 hora da madrugada de ontem, Dia Internacional da Mulher.

Ao sepultamento compareceram as duas filhas da ialorixá, Estelita e Marina (ela teve nove filhos), netos, bisnetos, trinotos, tetranetos e seu desejo era ser sepultada na terra, lembrou Mãe Zezé. Filha de Xangô, Deus do Trovão e dos raios, o terreiro de Maria de Xangô recebeu o nome de Oba Fé Kanfé Olorum, ou seja, "O rei gosta de Deus". O rei, no caso, era Xangô. São Gerônimo, na religião católica. Quando completou o centésimo aniversário, Maria de Xangô recebeu um presente especial de um filho especial: Gilberto Gil, que lhe presenteou com um Xangô africano. Em 81, ela foi homenageada



durante o I Encontro de Nações de Candomblé, realizado pelo Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO). A homenagem foi feita pela ialorixá mais nova da Bahia, Rosimeire, cerimônia que representou o simbolismo hierárquico do candomblé. Da Nação Ketu, Maria de Xangô recebeu as homenagens com muita simplicidade e naturalidade, conforme lembrou Ieda Machado, chefe do gabinete da Fundação Gregório de Mattos.